

MADEIRA, Carla. *Fragmentos do que não se pode ter por inteiro*. São Paulo: Record, 2024.

Resenhado por Rodrigo Felipe Veloso¹

A coisa se deu na beirada
do improvável. Lugar onde
os verdadeiros sonhos habitam
(Carla Madeira).

Carla Madeira, autora mineira conhecida por seu estilo poético e sensível, explora, em *Fragmentos do que não se pode ter por inteiro* as nuances das relações humanas, os silêncios e os espaços entre o desejo, a perda e a busca de sentido. Este livro, como os demais da autora, apresenta uma prosa lírica que convida o leitor a uma reflexão intensa sobre os fragmentos que compõem a vida e a tornam um ritual eterno da primeira vez, ou seja, morre-se toda noite e nasce todo dia, com um propósito novo e diferente do já vivido, pois “luz e sombra: minha árvore frutífera” (Madeira, 2024, p. 28).

O título do livro *Fragmentos do que não se pode ter por inteiro* já sugere uma reflexão sobre a impossibilidade de possuir algo ou alguém por completo. Madeira trabalha com a ideia de que o ser humano é feito de “pedaços”, “partição”, memórias, relações, escolhas e arrependimentos.

Entende-se por fragmento o sentido de perda e empobrecimento que defende Veena Das (2020) em seu livro *Vida e palavras*, uma vez que estabelece um “contraste com a noção de uma parte ou várias partes passíveis de reunião com vistas à composição de um quadro da totalidade” (Das, 2020, p. 27). Em suma, fragmentos acenam a uma maneira particular de o indivíduo habitar o mundo, quer dizer, dar voz a um discurso reprimido, banido, conferindo, de modo metafórico, “alma às palavras”, infundindo-lhes vida.

Essa fragmentação não é percebida apenas como limitação, mas também como condição essencial para o amadurecimento emocional e espiritual. Isso porque nos três contos (“Blusa amarela”, “Corte seco” e “Primeira estrela”) que compõem seu livro, percebe-se (neles) que a

¹ Pós-doutorado em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor no curso de Letras da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>.

experiência diante do outro se mostra de maneira fragmentada, pois a identidade do eu a ser formada diante do outro também surge de modo incompleto. Afinal, a noção de completude se mostra “desnecessária”, porque outras experiências surgirão e a ideia é (de) que mais fatores de agregação se incorporarão à condição humana e tirocínios, entendidos como aprendizagens construídas pela experiência prática e pelo exercício da vida, funcionando assim, como elementos de conhecimento e sabedoria adquirida.

Um detalhe é recorrente e chama atenção nos contos em estudo, a utilização de objetos como metáforas de relevante profundidade emocional, bem como o fato de tais objetos serem considerados elementos externos ao indivíduo, mas mantêm com ele uma conexão íntima e de “forças inexplicáveis”. Isso reforça a ideia de que as grandes histórias de vida se constroem a partir de pequenas coisas.

No caso do conto “Blusa amarela”, a personagem Maria Alice vê com os próprios olhos essa manifestação e transformação do objeto perante si mesma: “olhos que poderiam ter olhado para todo empório a sua frente, mas que, por uma dessas forças inexplicáveis, foram atraídos para fora, justo no breve e intenso instante: o da revelação” (Madeira, 2024, p. 9).

Essa revelação, percebida pela protagonista, decorre inicialmente de sua profissão, já que herdou da mãe, Zulmira, o ofício da costura e, nesse contexto, recebe a encomenda de uma blusa amarela destinada a ser usada em um batizado. No entanto, devido a problemas físicos da mãe decorrentes dos (aos) muitos anos de serviço de costura, a filha assume esse encargo de modo intenso. É nesse cenário que, cotidianamente, o carteiro Jeremias a visitava, mesmo que não tivesse correspondências a serem entregues e mesmo estando a mãe desgostosa dessa aparente relação: “mal Jeremias saía, ela profetizava com a boca firme: não presta” (Madeira, 2024, p. 10).

O desfecho dessa relação acontece quando os olhos de Maria Alice se fixam no centro de um quadro marcado por “amarelo inconfundível”, pois “a blusa impecável estava sendo usada por uma moça cujos cabelos dourados se derramavam como uma cascata de luminosidade sobre ela” (Madeira, 2024, p. 11).

Esse momento epifânico, revelado no objeto “blusa amarela”, cria um elo afetivo e de conhecimento intrínseco: a percepção de que existia, naquele instante, outro amor já construído. Assim, o “lado inteiro” que caberia a Jeremias preencher se desfaz, pois não mais existirá, instaurando uma fragmentação que impede a experiência plena desse amor.

Além disso, confirma-se a profecia materna sobre a postura e o comportamento do

carteiro ordeiro, mas mal-intencionado: “bem ao lado, os dentes brancos escancarados de Jeremias, à paisana. Ambos tinham os braços entrelaçados em agressiva intimidade” (Madeira, 2024, p. 11).

No conto “Corte seco”, o objeto que funciona como acionador dos desejos e frustrações da protagonista é o blazer comprado por Elizabete com o dinheiro concedido por seus pais, que a autorizaram a ir à festa tão aguardada. Entretanto, nesse contexto, ela o perde em meio a uma espécie de ‘amnésia oculta’, provocada pela ingestão de vodca, ou, como “talvez revelem, mascando chicletes e veneno, que dancei em cima da mesa improvisando um strip-tease, joguei o blazer longe depois de girá-lo no ar, entupi a privada do banheiro e vomitei no carpete de “dona” Maria do Carmo” (Madeira, 2024, p. 18).

Os pais de Elizabete a repreenderam pela perda do vestuário e um detalhe desse blazer é evidenciada, visto que possuía “[...] ombreiras invejáveis. Todo o poder do mundo, em versão acolchoada, sobre meus ombros” (Madeira, 2024, p. 16) e, a partir de então, “talvez eu descubra que roubaram as ombreiras do meu blazer na lavanderia e, junto com elas, as minhas asas. E estará perdida a inocência quanto à grande verdade da vida: ‘Se for beber vodca, não faça promessas’” (Madeira, 2024, p. 18).

A percepção da protagonista em relação ao objeto “blazer” equivale à de considerá-lo um verdadeiro “amuleto”, um objeto de autoafirmação de potencialidades adormecidas em que pudesse lhe favorecer no sentido de concessão de poder, autonomia de desejo e escolha, de certo modo, uma emancipação como mulher e não como sua atual situação condizia, isto é, como filha que não amadureceu com o passar do tempo e continuava sob o “domínio” e obediência paterna: “– razoável – dizia a mãe. – Seja apenas razoável, Elizabete! Eu chamava aquilo de castigo. Sistema prisional de segurança máxima, horário para tudo [...]” (Madeira, 2024, p. 14).

É interessante observar que, nos dois contos analisados, a presença das figuras femininas se articula intimamente ao vestuário, ou seja, a blusa e o blazer, pois tais objetos simbolizam a busca por independência, resiliência e autoafirmação das potencialidades da mulher em meio a um contexto opressivo, patriarcal e regido por normas restritivas.

O tema da mulher que encontra voz quando ocupa a metáfora de viver entre a vida e a morte, constrói um discurso paradoxal entre a fala e o silêncio, entre o enlutamento e o lamento, entre a beleza e o esplendor, entre a voz e o olhar. Diante disso, “o que é testemunhar o crime inerente à regra social, que consigna singularidade do ser ao esquecimento eterno, mediante

uma descida à vida cotidiana” (Das, 2020, p. 97).

Nesse aspecto, Elizabete, protagonista do conto “Corte seco” experimentou esse devir ao conjugar para si a escolha de suas próprias regras e não as de sua família e, por conseguinte, do contexto social ao qual se vê inserida. Nesse sentido, ela não sabia simplesmente articular sua perda (blazer) sob uma posição dramática, de habitante do mundo, de quem vive novamente num gesto de “luto”, pois tal situação a desafiava com relação à recordação de como o fato se deu. Dito de outro modo, ela demonstrava, portanto, que a mentira prevalecia nas relações engendradas socialmente e que seus olhos enquanto órgão que intenta ver a realidade mesmo que obtusa, a partir de então, eles figuravam apenas como um órgão que chora a dor da perda, de não mais possuir e ou não o tê-lo da mesma forma originária.

Não há como voltar atrás ou tentar sair para “fora” desse contexto vivido, pelo contrário, “você nunca pode sair dele; você deve sempre voltar. Não há fora; fora você não consegue respirar” (Das, 2020, p. 97). Das ainda ressalta que “essa imagem de retroceder evoca tanto a ideia de um retorno como a de voltar a habitar o mesmo espaço agora demarcado como um espaço de destruição, no qual você deve novamente viver” (Das, 2020, p. 97). Nesse caso, tem-se o sentido do cotidiano recuperado por meio da vida de uma mulher que, diante da perda e mudança ordinária de seu ritual diário, reflete sua atual condição de ser e estar no mundo: “fico parada ali diante do espelho, enquanto perco, deprimida, a convicção de que vou morrer hoje. Ao contrário, estou certa de que viverei a sacanagem de estar viva na segunda-feira” (Madeira, 2024, p. 18) e conclui dizendo: “eu ainda não sei, mas tudo se ajeita” (Madeira, 2024, p. 19).

Assim, as vidas individuais são definidas pelo contexto, no entanto, também podem gerar novos contextos, como é o caso de Maria Alice que se vê diante de um acerto de contas do antigo emprego que abria mão para auxiliar, inicialmente, sua mãe no ato da costura: “é preciso, antes, algum contexto. Maria Alice era costureira, razoável. Começou costurando para si mesma. Sempre gostou de um vestido novo, de um casaquinho, de uma boa aparência” (Madeira, 2024, p. 9-10).

Mais uma vez, tem-se a presença do adjetivo “razoável” qualificando as duas protagonistas, Maria Alice e Elizabete, porque lhes faltavam à condição de serem racionais, críveis diante dos atos, haja vista que a emoção era sempre a opção escolhida em meio às experiências vividas e, contudo, ser racional era uma etapa ritual a ser formada nesse trajeto de formação identitária feminina.

A mãe de Maria Alice mesmo representando uma mulher sábia, de voz potente não

consegue *a priori* convencer a filha sobre a falta de índole do carteiro Jeremias e, nessa perspectiva, há uma voz dissonante da protagonista em afirmar e contradizer sutilmente sua mãe: “pois presta, dizia Maria Alice baixinho, sentindo uma pontada de mágoa da mãe” (Madeira, 2024, p. 10). Essa convicção de Maria Alice a leva a considerar que é a melhor escolha não era a mulher que lhe deu a vida e lhe ensinou os caminhos a serem trilhados, pelo contrário, um desconhecido seria mais válido, mesmo tendo consequências *a posteriori*, uma vez que trouxe a ela o despertar do amor adormecido: “Tanto acreditava no que sussurrava que, ao se ver em uma situação de grande apuro, não pensou duas vezes em aceitar a ajuda de Jeremias, confirmando dentro de si que a mãe estava enganada” (Madeira, 2024, p. 10).

No último conto intitulado “Primeira estrela”, conhece-se a história de uma mulher que deseja por um amor ao avistar uma estrela no céu que lhe representa pois, ao invés de surgir na magia colorida do verão, ela surge em meio às chuvas, ao tempo nublado, fechado e, sobretudo, “transforma-se em uma inconveniente metáfora de minha própria vida” (Madeira, 2024, p. 20). A epígrafe que abre o texto é do livro *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare, cuja temática se trata do amor valorizado em sua pequenez, cotidianamente, quer dizer, o amor é único, então, “ame-o, suspire, diga-lhe o que sente”.

A noção do fragmentar-se associa o que reitera Friedrich Schlegel, em *Dialeto dos fragmentos*, ao mencionar que “o indivíduo é como que uma parte, um pedaço (Stuck), fração, fratura ou fragmento (Bruckstuch) de si mesmo, que se destaca do todo, mas ao mesmo tempo o pressupõe e quer retornar à unidade” (Schlegel, 1997, p. 16). A partilha do eu diante do espaço ao qual habita sucede de maneira solitária e uma condição existencial ascende à possibilidade do “pedaço” se tornar inteiro, unidade: “tudo aconteceu quando eu pisava distraída no buraco negro existencial e vi brilhar uma estrela. Nunca a tinha visto antes. [...] me atingiu com um recado. Ousei fazer um pequeno desejo. Pedi um amor” (Madeira, 2024, p. 22).

Diferentemente da personagem Macabéa, d’*A hora da estrela* que seguiu os ditames oportunistas de uma cartomante e ao avistar seu suposto amor em um carro Mercedes amarelo acaba morta ao ser atropelada por ele tornando-se, de fato, “estrela em terra” para os curiosos que passavam naquele instante fatídico. Por conseguinte, no conto “Primeira estrela”, o desejo por um amor direcionava a protagonista (não tem seu nome revelado) a seguir uma estrela que “brilhava” em seu caminho, a sua intuição era o mote necessário de realização e pleno prazer de se arriscar, afinal, “nunca um olhar, nunca um miserável beijo, nunca um jantar à luz de lâmpadas fuleiras. Nada de bilhetes, flores, trilhas sonoras. Absolutamente nenhum tremor na

carne viva, já quase morta pelo celibato” (Madeira, 2024, p. 22).

A protagonista levava consigo um objeto que representava seu elo com sua mãe: “ciente de que o amor não entraria pela janela, fui para a rua. Levei comigo um amuleto, o vidro de perfume de minha falecida mãe, que, à direita de Deus pai, deveria estar tentando me arranjar alguma felicidade” (Madeira, 2024, p. 22). Essa forte ligação familiar unida pelo objeto “vidro de perfume” da mãe morta exala um doce aroma da mulher que cuidava, protegia e direcionava sua filha pelos caminhos e etapas ritualísticas de vida, bem como tal objeto significa o desejo humano de permanência em um mundo marcado pela impermanência e transitoriedade.

Essa mulher virgem ansiava temerosa por esse amor e diante desse desejo latente chegasse em um casamento: “fui lentamente atravessando o tapete vermelho no centro da nave, na direção do casal” (Madeira, 2024, p. 23). Ela imaginava que ali algum homem a cobiçasse, o que, portanto, aconteceu, porém ele já estava comprometido com a noiva no altar que, por sua vez, ela, “a noiva viu a irmã do noivo e, entre falso espanto e verdadeiro alívio, soube que sempre a olhara. E o noivo viu a mim” (Madeira, 2024, p. 23). Ademais, “sem hesitar, ele pegou em minhas mãos e me conduziu para fora da igreja. Ainda ali, na porta, beijou com empenho minha boca. Depois, virou-me as costas e caminhou antes de começar a correr” (Madeira, 2024, p. 23).

O período turbulento de fragmentação e partição da protagonista tornou-se tal evento necessário, a fim de empenhar uma abertura da relação entre as normas sociais e as novas formas de subjetividade, uma vez que as antigas posições do sujeito não serão esquecidas ou abandonadas, mas surgiram, portanto, novas formas pelas quais até mesmo “signos de dor” se condicionariam ocupados. Com efeito, reposicionava-se para a personagem “a questão de como a toma para si o mundo, e ela transitou entre diferentes possibilidades de encontrar os meios para recriar suas relações em face do conhecimento venenoso que havia se infiltrado nas relações” (Das, 2020, p. 99). Finalmente, a vontade da protagonista se realizaria, todavia, ainda prosseguiria em “meditação virginal, rumo a minha casa, sob forte pancada de chuva. Não fosse a presença do beijo em minha boca, teria sido apenas mais uma noite de verão sem sonhos” (Madeira, 2024, p. 23).

Por fim, *Fragmentos do que não se pode ter por inteiro*, de Carla Madeira dialoga com questões universais, como o significado do amor, a efemeridade da vida e a construção da identidade. Por meio de sua prosa delicada, a autora convida o leitor a uma introspecção sobre as próprias relações e escolhas. Em tempos de desconexão e velocidade, o livro oferece um

convite à pausa e à contemplação, a partição e a unidade, o fragmento e a totalidade, o amor e o improvável.

O livro ressoa de maneira íntima e pessoal, deixando uma sensação de plenitude ao abraçar a imperfeição e a incompletude como partes essenciais da vida. Os objetos, portanto, servem como um recurso significativo para a constituição de histórias de vida e desenvolvimento de subjetividades e, sobretudo, eles transcendem a mera materialidade, tornando-se símbolos de memória, desejo, perda e conexão humana.

Referências

DAS, Veena. *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*. Trad. Bruno Gambarotto. São Paulo: Unifesp, 2020.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MADEIRA, Carla. *Fragmentos do que não se pode ter por inteiro*. São Paulo: Record, 2024.

SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

Recebido em: 03 de março de 2025.

Aceito em: 28 de agosto de 2025.